

# Mikhail Bakhtin e a cultura contemporânea

Maria José Rizzi Henriques\*  
Rosemeiri Custódio Silva\*\*

**Resumo:** O presente artigo descreve o resultado de pesquisa realizada no ano de 2006 tendo como objeto a cultura contemporânea, especificando-se nessa cultura o movimento punk analisado sob a ótica da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin. Utiliza-se metodologicamente as categorias dialogismo e alteridade para especificar a produção de sentido do discurso punk como alteridade divergente dos padrões dominantes.

**Abstract:** The present article it describes the result of research carried through in the year of 2006 having as object the contemporary culture, specifying itself in this culture the movement punk analyzed under the optics of the philosophy of the language of Mikhail Bakhtin. One uses the categories the dialogue and the another one to specify the sensible production of the speech punk as divergent the another one of the dominant standards.

**Palavras-chave:** cultura – movimento punk – filosofia da linguagem

**Keywords:** culture - movement punk - philosophy of the language



Nosso objetivo no presente estudo é analisar a cultura contemporânea especificamente o movimento punk sob a fundamentação teórico-metodológica de Mikhail Bakhtin, tendo o dialogismo e a alteridade como categorias nucleares da sua proposta apresentada sob o título de filosofia da linguagem.

Enfatiza-se a relação universidade e sociedade na medida em que se expõe uma pesquisa desenvolvida no meio acadêmico e seu objeto sócio-histórico, o movimento punk, na relevância dos estudos interdisciplinares sobre linguagem e cultura.

No acervo da pesquisa científica no Brasil, na área das ciências humanas e sociais, detectamos a consistência dos parâmetros adotados com seu necessário conjunto de métodos utilizados na mensuração, comprovação e análise dos dados sociais e históricos que por sua vez permitem a clarificação das concepções dos inúmeros autores sobre a unidade forma-conteúdo da ciência contemporânea.

Considerando as categorias assinaladas: o dialogismo e a alteridade, compreendemos que elas nos permitem esclarecer *“como a realidade determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação”*<sup>1</sup>.

Sob essa perspectiva de análise, consideramos que o objeto da nossa pesquisa, o movimento punk, consolidou-se em função de uma formação social específica, integrando-se aos demais processos de interação nela erigidos: políticos, históricos e econômicos. Pertencendo ao universo semiótico que compreende a cultura contemporânea, localizamos claramente as raízes do movimento punk no processo de formação e consolidação do modo-de-produção capitalista, pois, nas suas relações dialógicas, nas suas



\* Professora do Mestrado em Letras (Área de concentração Linguagem e Sociedade) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Email: zeze-henriques@hotmail.com

\*\* Aluna do Mestrado em Letras (Área de concentração Linguagem e Sociedade) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Email: rosemeiri\_custodio@yahoo.com.br  
1 BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec. 1999. p.41.

alteridades e na produção de sentidos presente nos seus discursos, temos a expressão do confronto de valores compreendidos no mundo contemporâneo ocidental: o capitalismo em suas esferas de produção, circulação e consumo.

Concordamos com Mikhail Bakhtin que o universo semiótico pode analisar cada área da produção humana, uma vez que é o *“caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição”*<sup>2</sup>: possibilitando destacar as epistemes que integram as pesquisas científicas na atualidade e que tem como objeto a totalidade social.

As relações entre homem e sociedade, homem e natureza sempre foram o núcleo das abordagens teórico-metodológicas das ciências humanas e sociais consolidadas entre os séculos XIX e XX, período em que o redirecionamento da economia por uma burguesia em ascensão fez surgir uma doutrina política e econômica: o liberalismo que postulava um Estado limitado visando assegurar liberdade individual.

No cerne dessa transformação político-ideológica, situa-se a produção em massa que consolidou uma economia de mercado, que imprimiu novas diretrizes científicas, culturais e sociais. No plano acadêmico-científico, essa transformação demarcou a passagem da antiga visão finalista monopolizada pelo poder eclesiástico para uma nova visão de mundo, fundamental à evolução do pensamento científico: a visão terrena e humana, imanente, natural e racional.

A ascensão de nações reconhecidas mundialmente como impérios que colonizaram o mundo não europeu, desenvolvendo-se em sociedades capitalistas industrializadas requereram mudanças estruturais não apenas sobre o trabalho humano, mas também no âmbito da produção científica, visto agora como fundamental para o fortalecimento e manutenção da ordem capitalista instituída. Em um contexto histórico forjado por um núcleo capitalista que transformava paulatinamente o mundo *“[...] num mundo onde os ‘avançados’ dominariam os ‘atrasados’”*<sup>3</sup>, era urgente a produção de estudos que abrangessem as alteridades do período: o soldado branco, o colonizador, o operário, o Estado, as sociedades primitivas, etc.

O espaço acadêmico e o discurso científico motivados por condições que buscavam o conhecimento objetivado, passaram a refletir sobre um homem *“empírico, observável, repetitivo, quantificável, regular e submetido às condições objetivas, limitadoras de sua vontade e independentes de sua intencionalidade”*<sup>4</sup>.

Nos estudos da linguagem, modelos de investigação e de interpretação de dados orientaram-se para a refutabilidade do erro e conseqüentemente para o estabelecimento de critérios de verdade dotados de racionalismo objetivo de diferentes ordens: funcionalista, estruturalista, por exemplo.

Após 1945 o desfecho da Segunda Guerra Mundial, fruto da lógica capitalista que instaurara a disputa por espaço, por mercado e por hegemonia, demarcou no mundo uma nova e importante transformação: *“a Europa perdeu a hegemonia mundial, perdeu as suas nações mais potentes, seus impérios mais vastos e conheceu a lei absoluta do tempo, há um momento em que o que parecia eterno, termina”*<sup>5</sup>. A América do Norte passou a obter o monopólio do Ocidente e a difundir as diretrizes políticas, econômicas e sociais para o restante do mundo. Da mesma forma que a Europa descortinava-se para a presença do outro, a produção acadêmico-científica passava a refletir sobre a então descentralização geopolítica do mundo.

As correntes teórico-metodológicas e as escolas historiográficas no período da guerra tinham uma função política bem definida: atender às ideologias militares, políticas e individuais dos chefes políticos. A derrocada da Europa e a mudança geopolítica do mundo pós-guerra trouxe uma necessária reorientação de comportamentos e atitudes pessoais e

2 Id., 1995, p.33.

3 HOBBSBAWM, Eric. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1988. p.87.

4 REIS, José Carlos. *Escola dos Annales – a inovação em história*. São Paulo, Paz e Terra. 2000. p.40-41.

5 Ibid., p.31.

interindividuais, tanto que o enfraquecimento dos fundamentos iluministas, colonialistas e imperialistas, trouxe a “*tarefa de se reconstruir reinterpretando-se, tomando-se como ‘problema’*”<sup>6</sup>, buscando outras possibilidades de interagir com o mundo, com o outro.

Em contextos específicos caracterizados por massas de desempregados, ex-combatentes, mutilados, falidos e famintos, em meio a espaços totalmente devastados, em que os poderes e as ideologias totalitárias haviam demonstrado sua relatividade, sua finitude, a produção do conhecimento recusava o sujeito representante de um Estado-nação, e passava a considerar “*o homem que trabalha, fala e vive: o homem que dentro dessas realidades, produz a representação de suas necessidades e sentidos, da vida, do trabalho e da linguagem*”<sup>7</sup>. O conhecimento a ser impulsionado, deveria atender às condições sócio-históricas de um momento de reconstrução, em que não se pretendia mais reconstituir modelos, mas, reconstruir o mundo da época.

Refutando os imperativos da lógica racionalista e seus determinismos, modelos subjetivistas retomaram as questões e os limites das epistemes funcionalistas, estruturalistas e micro-analíticas para a interpretação do homem e do mundo.

Desenvolveu-se conseqüentemente um novo espírito universitário: o da interdisciplinaridade. Motivados por um mundo em que a reconstrução era o signo da época, orientados para a reflexão sobre outros objetos, outras fontes e novas alteridades, as alianças interdisciplinares entre a história, a filosofia, a antropologia, a geografia, a lingüística, o direito, a economia, a demografia, a arqueologia, a semiótica, a literatura, a sociologia, por exemplo, possibilitaram ao pesquisador compreender e clarificar o real sob os olhos da pluralidade.

No âmago dos debates científicos sobre semiótica, lingüística, psicanálise, antropologia e materialismo-histórico, as fronteiras da interdisciplinaridade demarcadas por diferentes autores foram enriquecidas no decorrer do tempo pelas teorias da história em abordagens inovadoras.

A Escola dos Annales ou o movimento historiográfico originário da revista *Annales d’Histoire Economique et Sociale* fundada em 1929 por Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944) teve uma posição de destaque nos debates que orientaram a reestruturação das diretrizes epistemológicas do século XX para a abertura do âmbito acadêmico-científico à pluralidade social e cultural.

Partilhando da concepção de que “*o signo e a situação social estão indissoluvelmente ligados*”<sup>8</sup>, Marc Bloch contribuiu de modo significativo nos debates sobre a relevância do cotidiano, da diversidade e da pluralidade nas abordagens que se propunham a pensar sobre as relações em sociedade.

Considerando a especificidade de cada momento histórico, o plano epistemológico passava a reorientar-se na direção de que “*nenhum objeto tem movimento na sociedade humana exceto pela significação que os homens lhe atribuem*”<sup>9</sup>.

Defensores incansáveis da interdisciplinaridade, os fundadores e posteriores adeptos da Escola dos Annales como Fernad Braudel (1902-1985), Jacques Le Goff (1924..), Georges Duby (1919-1996), Carlo Ginzburg (1939..), Philippe Áries (1914-1984), entre outros, introduziram um novo conceito: a desaceleração – o estudo das lentidões frente à idéia de revolução, de ruptura. Dispondo-se ao estudo do singular, do irrepitível, do sujeito cívico, pleiteavam alcançar o cotidiano e a fragmentação que produzira “*os rejeitados, os esquecidos, os prisioneiros, os doentes, os marginais, os loucos, as minorias excluídas, enfim, as franjas claro-obscuras da realidade*”<sup>10</sup>.

Outras áreas da ciência, por sua vez, contribuíram para a construção de um campo interdisciplinar nos estudos da linguagem em diferentes perspectivas: a psicanalítica, a fenomenológica, a antropológica, a materialista-histórica e a arqueológica foucaultiana.

6 Ibid., p.33.

7 Ibid., p.40.

8 BAKHTIN, op.cit., p.16.

9 BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2001.p.8.

10 REIS, op.cit., p.189.

[...] durante o século XX, as preocupações no âmbito científico com a interdisciplinaridade, o não repetitivo e o fragmentário foram ao encontro da abordagem mecânica, que objetivava desvendar os processos regulares, repetitivos, pendulares, etc., e que, caindo no interior de um crescente processo de subjetivação, começou a se preocupar com os acontecimentos irregulares e não-lineares; como também, destacaram as irregularidades da estrutura genética, ou a importância da revelação do ruído nas estruturas complexas, que passaram a representar fenômenos relevantes, tanto com respeito à possibilidade da construção de sentido, quanto com a ação de um universo significante inconsciente (BAIRON, 2002, p.18) <sup>11</sup>.

Inovando na visão interfática as linhas teórico-metodológicas divergiram na sua compreensão em relação ao método de pesquisa, em relação à consideração do objeto e em relação ao tempo histórico/desenvolvimento do objeto abordado; nesse aspecto específico, as pesquisas aprimoraram suas diferenças na sustentação analítica em bases estruturais e totalizantes do social.

Em nosso intento, adotamos a premissa que o processo histórico evolutivo do homem está interligado ao desenvolvimento das forças materiais e estas em sua totalidade erigem uma base econômica específica que demanda uma superestrutura jurídico-política interconectadas; ambas forjam consciências que lhes correspondem, como se define no plano epistemológico de Mikhail Bakhtin.

Concebendo em seus estudos o devir histórico, Bakhtin instaura sua percepção semiótica da realidade de natureza dialógica, ideológica e interindividual. Estando as contradições sociais expressas na pluralidade da linguagem, os processos de enunciação/enunciado integram “o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal”<sup>12</sup> que fundamentam a produção do signo, do discurso e da própria interação semiótica, sendo, portanto, possível pensar sobre o social a partir de uma análise semiótica-discursiva dos fenômenos/processos em sociedade.

Para a semiótica-discursiva a palavra é carregada de conteúdo ideológico, pois, todo signo tem por condição responder a uma função ideológica. A palavra como signo, pode “preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa”<sup>13</sup>.

Segundo a concepção bakhtiniana o princípio dialógico e o princípio da alteridade são interligados, pois, o dialogismo é o “espaço interacional entre o eu e o outro”<sup>14</sup>, processo que ao desvalidar a idéia de sujeito absoluto, o substitui por uma diversidade de vozes sociais. No quadro das inovações apresentadas na área da história e da linguagem, suas interfaces oferecem um campo produtivo de pesquisas de diferentes ordens discursivas.

O movimento punk enfocado em produções acadêmicas já realizadas tanto quanto nos livros de referência e leitura corrente é divulgado como sendo originário da década de 1976/1977 na Inglaterra, quando bandas como os Sex Pistols, The Clash e Ramones propagaram em letras e músicas o combate à sociedade capitalista. Nesse período, as dessa sociedade atingia particularmente jovens com baixo poder aquisitivo e grande dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

Nos enunciados das bandas punks denuncia-se a lógica do consumo, a sensação de estagnação e de exílio social que caracterizavam a posição de um segmento social: operários, desempregados, ex-presidiários e moradores de rua. Para estes segmentos, as manifestações punks motivavam reações de protestos que passaram a se expressar em provocações, desordens de rua, confronto aos valores impressos pela ordem política, econômica e social predominante.

11 BAIRON, Sérgio. *Interdisciplinaridade*. São Paulo, Futura. 2002. p.18.

12 BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo, Contexto. 2005. p.67.

13 BAKHTIN, op.cit., p.37.

14 BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 2003. p.3.

No Brasil da década de 80 o horizonte social caracterizava-se pela transição de um modelo político ditatorial para um ascendente estado de democracia. Integrado a este contexto, inúmeros segmentos políticos, religiosos, jurídicos e populares exigiam a transformação do quadro político dominante. No ápice desse processo, em que *“grupos específicos estabelecem sistemas específicos de atribuição de ordem ao mundo”*<sup>15</sup> demandaram-se espaços sociais múltiplos, plurais.

O movimento punk para a ordem cultural capitalista era uma das alteridades que combatia a sua lógica imanente e que ao lado de tantos outros (hippies, movimentos ecológicos, movimento feminista, teologias libertárias), aumentava a gama de manifestações que desde a década de 1960 erigiam no circuito comunicativo uma onda oposta aos padrões dominantes.

Para combater as alteridades resistentes foi fundamental considerá-las como movimentos marginais, transgressores e desviantes da ‘normalidade’ realizados pela propagação midiática de discursos no circuito da comunicação.

Efetiva-se na interação comunicativa do período o confronto discursivo estabelecido na estabilidade das relações sociais entre falantes; Para Mikhail Bakhtin *“conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante ora outra”*<sup>16</sup> da língua. Nesse processo semiótico, o movimento punk não produz signos originais, ele produz efeitos de sentido que divergem do dominante, contudo, são efeitos de sentido que correspondem ao seu nível de realidade, ao seu horizonte axiológico entre as correlações da infra e da superestrutura.

Disseminado pelo mundo, instaurado no Brasil, esse movimento esteve circunscrito a variante discursiva dominante de forma pejorativa, e a sua própria, como de contestação e denúncia. Como objeto da história, permanece na atualidade correspondendo à compreensão de que: *“classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua”*<sup>17</sup>, pois, a diversidade e a contradição que vemos caracterizar a totalidade social são forjadas na plurivalência de sentidos e significações da interação comunicativa, ocorrendo um confronto de interesses sociais, um confronto no campo valorativo, estabelecido no plano semiótico pela plurivalência social do signo.

Nessa perspectiva valorativa, classes, grupos, comunidades e segmentos diferenciam-se na interação com o outro e em seu devir histórico. Portanto, a pluralidade é específica nas condições histórico-sociais vigentes: para cada horizonte social o embate entre índices de valor presentes na relação dialógica instaura discursos específicos voltados para um auditório social constituído por alteridades correspondentes, nos revelando sujeitos históricos e ideológicos que adquirem sentido na relação com o outro.

Ocorre que:

O conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo de signos. E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e o sentido sócio-histórico, ainda recebe um ‘ponto de vista’, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. [...] O ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio-historicamente. E seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas. E o campo privilegiado de comunicação contínua se dá na interação verbal, o que constitui a linguagem como o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico. A representação do mundo é melhor expressa por palavras, pois que não precisa de outro meio para

15 MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo, Contexto. 2005. p.169.

16 BAKHTIN, op.cit., p.147.

17 Ibid., p.46.

ser produzida a não ser o próprio ser humano em presença de outro ser humano<sup>18</sup>.

O método de Mikhail Bakhtin, ancorado em categorias/movimentos sustentadores da interdisciplinaridade, permite esclarecer no plano semiótico-epistemológico, as relações detectadas na cultura contemporânea entre homem-mundo, sujeito objeto do conhecimento; dialeticamente considera a cultura como a instância em que transitam os discursos (com conteúdos ético-cognitivos) de diferentes comunidades semióticas que interagem tecendo sentidos da diversidade social.

De fato,

Bakhtin propõe então que o uso de categorias para apreender o mundo é parte da realidade do sujeito humano, mas, longe de transcendental, ocorre num dado lugar e num dado momento por meio do agir de um sujeito situado na sociedade e na história. Um agente responsável por seus atos, constituído pelo outro e constituinte do outro, o que serve de base à proposição de sua filosofia ética do ato, da vida, do processo, [...] das teorias lingüísticas, discursivas e estéticas [...] (SOBRAL in BRAIT, 2005, p.147) <sup>19</sup>.

O movimento punk por apresentar discursos sócio-históricos específicos apresenta-se no circuito da comunicação como mais uma valoração cultural, dentre tantas presentes na pluralidade social. Tendo suas raízes dialógicas erigidas no processo de desenvolvimento da sociedade capitalista-industrial, seu caráter de conflito e resistência instaurado nas valorações do outro estabelecido, destaca alteridades como: o Estado, o mercado capitalista, o comportamento consumista e os valores de uma sociedade burguesa.

Desse modo, o outro na discursividade punk apresenta diferentes dimensões de alteridade, todas conectadas com a negatividade do processo de acumulação capitalista.

No processo de interação, o Estado é visto como: *“Usurpador e tirano, o Estado de hoje são os grillhões do passado, que subjugam o homem bom com a mentira de uma democracia aberta a todos e todas sem distinção. Mas, nós, sabemos, o Estado é o punhal e a mordaca, que corrompe, humilha e lança ao chão”* <sup>20</sup>.

Ao tecerem para o Estado essa valoração, convocam os que compartilham do seu círculo semiótico: *“Anarquistas do século passado deixaram-nos uma mensagem. Sempre em uma guerrilha na luta pela liberdade. Da derrubada do governo à extinção do Estado, uma luta coletiva para que o povo seja bem tratado”* <sup>21</sup>.

O sujeito punk no processo interativo toma consciência de si mesmo, de sua posição político-ideológica, e de como o outro o vê (exterioridade): *“uma roupa rasgada, uma folha amassada, um recado esquecido, nada mais que um cinzeiro usado na esquina de um beco apodrecido”* <sup>22</sup>. Seu discurso se estabelece pelo outro dominante, expressando todo o valor de troca imposto pelo mercado, em que todos os indivíduos são vistos como mercadoria. Uma vez que não se atende à demanda do mercado, o indivíduo é destituído de valor, sendo considerado inútil e descartável.

Para o indivíduo integrado ao universo semiótico punk suas relações cotidianas estão imersas em outros índices de valor: *“ando nos bueiros, atravesso lamaçais, tomo ácido e graxa, me visto de ferro para não aceitar a sua mordaca. Como aquilo que você trata por lixo, em seus sonhos de beleza e perfeição eu escarro, vomito e estraçalho. O belo é o que fere, o que amedronta e incomoda, o perfeito é o quebrado, o usado, o rejeitado”* <sup>23</sup>. Para os padrões de sociabilidade agregados à lógica de mercado vigente, o punk é significação de padrões inaceitáveis.

18 MIOTELLO, op.cit.,p.170.

19 SOBRAL, Adail. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo, Contexto. 2005. p.147.

20 Poesia do movimento punk de Curitiba.

21 Poesia do movimento punk de Curitiba.

22 Poesia do movimento punk de Curitiba.

23 Poesia do movimento punk de Curitiba.

Expressando no circuito da comunicação uma total aversão aos valores sociais estabelecidos, o sujeito punk denuncia: *“entre os prédios imponentes da cultura capitalista, se alastra pelos bueros o sangue e o suor das massas inocentes”*<sup>24</sup>. Para o universo semiótico punk a cultura capitalista é *“o monstro sorrateiro que vive nas sombras da burguesia, essa marcha insolente que rouba vidas negociando almas na vala da hipocrisia”*<sup>25</sup>. A cultura punk se instaura no circuito da comunicação como uma identidade de resistência e confronto à ordem.

Mesmo em confronto permanente, alteridades divergentes são dependentes umas das outras, pois, o outro socialmente estabelecido no circuito da comunicação necessita do outro opositor para caracterizá-lo como conflitante, como resistente e assim fortalecer o seu potencial de predominante, de social e politicamente positivo ao desenvolvimento de determinada sociedade. Nesse processo, para cada efeito de sentido produzido pela alteridade instituída contra a alteridade divergente, esta última assegura os seus interesses, e denuncia as contradições como alteridade de resistência. Ou seja, ambas respondem ao processo contraditório que fundamenta a totalidade, portanto, expressam o confronto das forças sociais.

Dito de outra forma:

A superestrutura não existe a não ser em jogo e relação constante com a infraestrutura, defende Bakhtin, e essa relação é estabelecida e intermediada pelos signos e por sua capacidade de estar presente necessariamente em todas as relações sociais. E em cada uma delas os signos se revestem de sentidos próprios, produzidos a serviço dos interesses daquele grupo. [...] as ideologias respondem a interesses diversos e contrastantes; ora podem reproduzir a ordem social e manter como definitivos alguns dos sentidos, e ora podem discutir e subverter as relações de produção da sociedade capitalista<sup>26</sup>.

O método explicitado por Mikhail Bakhtin apresenta inúmeras possibilidades de investigação científica sobre a ideologia do cotidiano (a relação do outro em interação face a face, na partilha de experiências de ordem valorativo-emocional). Por esse método, a alteridade está presente em salas de aula, no trabalho, no lazer, e principalmente em nós mesmos *“quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro”*<sup>27</sup>, e, mais ainda, em pesquisas dirigidas para o outro imaginário, ausente da relação imediata, visível, presente como memória signíca, imagética ou sonora.

### Considerações Finais

Com base nos estudos da filosofia da linguagem a semiótica-discursiva considera a cultura na sua especificidade histórica, portanto, como o veículo em que a pluralidade discursiva transita o confronto dos índices de valor contraditórios estabelecido pelas contradições vigentes.

Especificando a cultura contemporânea como o núcleo em que se deu a intensificação de novos valores sob a ótica do capitalismo, destacamos o estudo das alteridades como o elemento característico entre a universidade e a sociedade na compreensão das relações entre homem e sociedade, homem e natureza.

Na dinâmica viva do jogo dramático das vozes, estando sempre imerso em *“uma tensão dialética, configura a arquitetura própria de todo discurso”*<sup>28</sup>, no amplo movimento de tese, antítese e síntese históricas o sujeito bakhtiniano não é visto isoladamente expressando subjetividades a priori.

24 Poesia do movimento punk de Curitiba.

25 Poesia do movimento punk de Curitiba.

26 MIOTELLO, op.cit., p.171.

27 FARACO, Carlos Alberto. Autor e Autoria. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo, Contexto. 2005. p.43.

28 BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 2003. p.25.

## Artigos

Ele é parte de uma totalidade fundamentada em uma atividade sócio-semiótica construída por discursos que, por serem sociais não são concebidos como um sistema fechado, mas, um todo de trocas enunciativas, em que a história se inscreve, imersa em um processo de constante transformação e conflito.